



MALHA FERROVIÁRIA BRASILEIRA

Em busca de novos caminhos

Depois de praticamente sucateadas, as ferrovias brasileiras vêm sendo alvos de projetos de expansão viabilizados a partir de meados da década de 1990, com as privatizações colocadas em andamento pelo governo. Hoje, segundo o Anuário Exame Infra-Estrutura (2008/2009), recentemente publicado, mais de 90% da rede está sob a administração da iniciativa privada.


Tudo começou no século 19, por iniciativa do Barão de Mauá, que incumbiu a iniciativa privada de cuidar da implantação da malha ferroviária brasileira. Nos anos 30, o governo Getúlio Vargas decidiu estatizar esse segmento da logística. Daí em diante, o sistema reduziu a velocidade: a rede, que chegou a ter 37 mil quilômetros de extensão, inaugurou o século 21 com pouco mais de 29 mil quilômetros. Investimentos reservados pelo Plano de Aceleração do Crescimento, PAC, e pelo Plano Nacional de Logística e Transportes, do Ministério dos Transportes, fazem crer que o Brasil chegará, até 2025, a algo em torno de 50 mil quilômetros. Governo, empresas e entidades do setor entendem que as ferrovias conseguiram superar o momento crítico vivido até 1995, um ano antes do início do processo de privatização, quando o nível de investimentos no setor foi praticamente zero.

Embalado por promessas de bom tamanho, o setor comemora o anúncio da América Latina Logística, ALL, que deve investir R\$ 600 milhões neste ano. Entre os principais projetos, encontra-se a reforma e aquisição de locomotivas e vagões e o redesenho dos trens para oito mil toneladas na

bitola larga, que compreende o trecho entre o Alto Araguaia (MT) e Santos (SP).

PROMESSAS CONCRETIZADAS

Há outros alentos em curso. Um exemplo é a concessão outorgada à Valec – Engenharia, Construções e Ferrovias, que tem como objetivo fortalecer a infra-estrutura de transportes necessária ao escoamento da produção agropecuária e agroindustrial do Cerrado, envolvendo o oeste da Bahia, sudoeste do Piauí, sul do Maranhão, o Estado do Tocantins e parte de Goiás. É a Ferrovia Norte-Sul, que contempla aproximadamente 2,1 km, atravessando as regiões Centro-Oeste e Norte do país, conectando-se ao norte com a Estrada de Ferro Carajás e ao sul com a Ferrovia Centro Atlântica. São novas rotas traçadas rumo aos portos do Norte e Nordeste, que acenam com perspectivas mais alentadoras para o escoamento das safras.

Às voltas com projetos de grandes dimensões – e empenhado em recuperar o tempo perdido – o país espera ainda que as parcerias público-privadas saiam do papel, de maneira a conferir concretude ao processo de expansão da malha ferroviária do Brasil. 

O CUSTO DOS INVESTIMENTOS

Brasil já foi grande produtor de trilhos, mas hoje importa praticamente tudo que necessita de países como China, Polônia, República Tcheca, entre outros. Segundo o Anuário Exame Infra-Estrutura (2008/2009), o volume de importação, quando consolidados os dados de 2008, pode tilintar na caixa de US\$ 170 milhões, mais de sete vezes acima do contabilizado em 1997.



PULSAR IMAGENS / RICARDO AZOURY

KEYSTONE

Em 2008, o Instituto Nacional de Meteorologia, Inmet, contabilizou a implantação de mais 157 estações automáticas de monitoramento, totalizando 436 instaladas. Essas estações coletam informações (sobre temperatura, umidade, velocidade dos ventos, etc) das áreas onde estão localizadas. A cada hora, os dados obtidos são transmitidos para um banco de dados na sede do Inmet, de onde são disponibilizados na página www.inmet.gov.br. Em 2009, a intenção é chegar a 500 estações.



Sojicultores do Mato Grosso poderão monitorar a presença da ferrugem asiática nas lavouras do Estado, por meio do site www.aprosoja.com.br. O projeto é alimentado com dados estatísticos do Instituto Mato-Grossense de Economia Agrícola, Imea, e amostras coletadas pelos supervisores de campo da Associação dos Produtores de Soja do Estado de Mato Grosso, Aprosoja.

SUSTENTABILIDADE

As reservas legais preservam as maiores riquezas

Riquezas às quais todos estão atentos quando o assunto é sustentabilidade socioambiental que conservar biomas continentais, como os seis geograficamente definidos no Brasil – Amazônia, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa, Pantanal –, transformam-se hoje em poderoso instrumento competitivo no mercado nacional e internacional. Quer negociar com quem tem a consciência de que respeitar o meio ambiente é garantir à terra níveis de produtividade e suprir as necessidades (de hoje e do futuro) de alimentos, biocombustíveis e energia.

Na definição do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE, “bioma é um conjunto de vida (vegetal e animal) constituído pelos agrupamentos de tipos de vegetação contíguos e identificáveis em escala regional, com condições geoclimáticas similares e história compartilhada de mudanças, o que resulta uma diversidade biológica própria”. É assim com o Cerrado, o segundo maior bioma brasileiro, que se estende por dez estados e é rota de três das maiores bacias hidrográficas da América do Sul: Tocantins, São Francisco e Prata. Além de uma importante diversidade de microorganismos, acolhe mais de 700 espécies de aves, cerca de dez mil espécies de plantas, 180 espécies de répteis, mais de 190 de mamíferos, mil espécies de borboletas, só para citar alguns exemplos da riqueza da biodiversidade ali embutida.

BIOMAS AMAZÔNIA E MATA ATLÂNTICA

Mundo das águas, o Bioma Amazônia ocupa 49,29% do território brasileiro. São 4,1 milhões de km², que abrigam mais de um

terço das espécies da flora e da fauna catalogadas no mundo.

Jequitibás-rosa (que podem chegar a 40 metros de altura e quatro de diâmetro), ipês e pau-brasil fazem sombra a micos-leões, lontras, onças-pintadas, antas, veados e cotias: cenários ainda possíveis na Mata Atlântica, que, quando os portugueses chegaram ao Brasil, se estendia por 1,3 milhão de km². Restam hoje 7% da área original. A Amazônia é considerada pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, Unesco, como patrimônio ambiental da humanidade. O segundo bioma citado, a Mata Atlântica, ainda é fonte de descobertas de novas espécies animais e vegetais.

A CAATINGA

“A riqueza natural e social da Caatinga é importante patrimônio ambiental e cultural do Brasil.” Assim se manifesta a Embrapa, entidade para a qual a conservação e o uso desse bioma devem ser estudados em benefício da sociedade. Cerca de 20 milhões de pessoas vivem na região co-



O mundo está atento à preservação de biomas, hoje alvos de regulações e leis que os protegem. Conviver com este cenário – e cultivar a consciência ambiental – é uma das missões reservadas aos produtores rurais.

A EXTENSÃO DOS BIOMAS CONTINENTAIS

	área aproximada (km ²)	área/total Brasil
Amazônia	4.196.9434	9,29%
Cerrado	2.036.448	23,92%
Mata Atlântica	1.110.182	13,04%
Caatinga	844.453	9,92%
Pampa	176.496	2,07%
Pantanal	150.355	1,76%

Fonte: IBGE, 2004.

PROPORÇÃO MÍNIMA DA PROPRIEDADE COM RESERVA LEGAL

Cerrado	20%
Cerrado na Amazônia Legal*	35%
Caatinga	20%
Mata Atlântica	20%
Pampa	20%
Amazônia	80%

*A Amazônia Legal é uma definição política que remonta à época dos incentivos fiscais específicos para o Norte. Recentemente, essa definição ficou estabelecida pela Medida Provisória nº. 2.166-67, de 24/08/2001, sendo composta pelos estados do Acre, Pará, Amazonas, Roraima, Rondônia, Amapá, Mato Grosso e regiões situadas ao norte do paralelo 13° S, de Tocantins e Goiás (mais especificamente os municípios de Novo Planalto, São Miguel do Araguaia, Montividiu do Norte, Porangatu e Campos Belos), e a oeste do Meridiano de 44° W do Maranhão.

Fonte: Cartilha “Responsabilidade Social na Produção Agrícola”. Bunge, em parceria com o Ministério do Meio Ambiente.

O site www.reservasparticulares.org.br funciona como um banco de dados nacional sobre as Reservas Particulares do Patrimônio Natural, RPPNs. Produtores rurais que criaram unidades de conservação como essas podem cadastrá-las no site, que também traz informações sobre como criar uma RPPN. A iniciativa é da ONG The Nature Conservancy e da Confederação Nacional de Reservas Particulares do Patrimônio Natural.



LUCY IMAGENS

A mistura compulsória de biodiesel ao combustível (2% no primeiro semestre e 3% no segundo semestre) evitou, no ano de 2008, a importação de 1,1 bilhão de litros de diesel de petróleo, o que representa uma economia de aproximadamente US\$ 976 milhões para o país. A informação é do boletim dos Combustíveis Renováveis, publicação da Secretaria de Petróleo, Gás Natural e Combustíveis Renováveis do Ministério de Minas e Energia.


Reservas do país

, além de
a Atlântica, Caatinga,
ernacional. O mundo
diversidade capazes de

berta pela Caatinga, mata bran-
ca para os indígenas, que ocupa
quase 10% do território nacio-
nal, abrangendo os estados do
Ceará, Rio Grande do Norte,
Paraíba, Pernambuco, Sergipe,
Alagoas, Bahia, sul e leste do
Piauí e norte de Minas Gerais.
Mandacaru e juazeiro, umbu,
aroeira. Sapo-cururu, gambá,
asa-branca, veado-catingueiro,
tatu-peba. Brejos onde se pro-
duz alimentos e frutas. É assim a
Caatinga que quer ser mantida.

O PANTANAL E OS PAMPAS

Iniciativa privada, entidades go-
vernamentais, ONGs e outros
representantes da sociedade ci-
vil vêm procurando conciliar, no
entender da Embrapa, atividades
econômicas tradicionais (pecuá-
ria de corte, pesca e, mais recen-
tamente, o agroturismo) com a
necessidade de conservação do
Pantanal, considerado um dos
mais valiosos patrimônios natu-
rais do Brasil, cujas riquezas es-
tão expostas no Mato Grosso e
Mato Grosso do Sul.

O manejo sustentável dos recur-
sos naturais também é o foco do
trabalho da Embrapa no Bioma
Pampa, desenhado entre o Rio
Grande do Sul e Santa Catarina.
Entre as paisagens típicas estão os
banhados, ecossistemas alagados
com densa vegetação de juncos,
gravatás e aguapés que criam um
habitat ideal para uma grande va-
riedade de animais como garças,
marrecos, veados, onças pinta-
das, lontras e capivaras. 



FOTOLIA

NOVAS FRONTEIRAS

O azeite passa a integrar a rotina alimentar dos brasileiros

A importação brasileira de azeite de oliva vem crescendo de forma gradual e contínua nos últimos anos. Apesar dos dados finais consolidados ainda não terem sido divulgados, em 2008 o país importou, no período de janeiro a novembro, 39 mil toneladas de azeite, o que representou 22%, a mais do registrado no mesmo período de 2007, segundo o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior.

Pelo menos dois fatores são apontados como responsáveis pelo crescimento do mercado de azeites no Brasil. O primeiro deles é a queda de preços no mercado internacional, particularmente no europeu, ocasionada pela boa safra de azeitonas naquele continente. O segundo é uma mudança verificada nos hábitos alimentares da população brasileira. Segundo o presidente da Associação Brasileira de Produtores, Importadores e Comerciantes de Azeite de Oliveira, Oliva, Armando Reis Filho, o brasileiro vem buscando produtos saudáveis e os incluindo em receitas do dia-a-dia. "O azeite de oliva está ganhando espaço, pois não apenas evita doenças, mas principalmente faz bem a saúde."




Armando Reis lembra, no entan-
to, que se comparado ao consu-
mo mundial, o volume de azeite
consumido no Brasil ainda é pe-
queno, 180 gramas per capita
por ano. "Países do Mediterrâneo
utilizam uma média de 17 qui-
los. Em Portugal são oito quilos."
O consumo de azeite no país é
garantido pelas importações do
produto, proveniente basicamen-
te de Portugal, Espanha, Grécia,
Argentina, Itália e países árabes.
O Brasil ainda não conta com pro-
dução própria, mas tem realizado
pesquisas para mudar esse qua-
dro. Fazendas experimentais, no
Rio Grande do Sul, Santa Catari-
na, Minas Gerais e São Paulo es-
tão fazendo testes para produção
de azeite de qualidade.

Um exemplo dessa busca pela
produção nacional de azeite é a

Fazenda Experimental de Maria
da Fé, da Empresa de Pesquisa
Agropecuária de Minas Gerais,
Epamig, onde são produzidas 20
mil mudas de oliveira por ano.
Em fevereiro de 2008, foi feita a
primeira extração de azeite extra-
virgem do Brasil.

TEM AZEITE NO ALMOÇO DE DOMINGO

Confira a receita de talharim com
azeite, rúcula e ricota, extraída do
site da Associação Brasileira de Pro-
dutores, Importadores e Comer-
ciantes de Azeite de Oliva: misture
350 gramas de ricota com seis co-
lheres de sopa de azeite de oliva
até obter uma massa macia e ho-
mogênea. Coloque sobre o talha-
rim cozido, acrescentando folhas
de rúcula e azeitonas pretas. 

WORKSHOP

Sustentabilidade para usinas

Diante da importância da sustentabilidade para o mercado de etanol, desafios setoriais e necessidade de agregar valor às usinas de açúcar e álcool, a Bunge reuniu dez clientes em Ribeirão Preto (SP) para um *workshop*. Organizado pelas áreas de projetos de Foco no Cliente e Sustentabilidade, o evento contou com apresentações de profissionais da Bunge e especialistas da USP/Ribeirão Preto,

que abordaram assuntos como a importân-
cia da sustentabilidade para o mercado de
etanol, principais desafios, indicadores, en-
tre outros. Representantes da certificadora
internacional SGS compareceram ao evento,
tratando das principais tendências de certi-
ficação internacional, atualizações, riscos de
barreiras não-tarifárias e diferenciais consoli-
dados no mercado brasileiro.



FOTOLIA 2008



**TEM FESTA, FEIRA
E EXPOSIÇÃO NA CIDADE**

Expodireto Cotrijal 2009 Não-Me-Toque (RS) – 16 a 20 de março
Ecochange – Conferência Internacional de Biocombustíveis, Meio Ambiente, Alimento e Fome
 Ribeirão Preto (SP) – 25 a 27 de março
TecnoShow Comigo 2009 Rio Verde (GO) – 31 de março a 4 de abril
FenaFrango – Feira Nacional do Frango Passo Fundo (RS) – de 2 a 5 de abril
Expolondrina – 49ª Exposição Agropecuária e Industrial de Londrina Londrina (PR) – 2 a 12 de abril

PLUGUE-SE

História da agricultura

Origem e Evolução de Plantas Cultivadas tem como temas a vida na terra nos tempos geológicos, o uso doméstico das plantas e a história das culturas de abóbora, arroz, aveia, batata, centeio, feijão, milho, morangos, soja, tomate, trigo, uva e muitas outras. O livro foi lançado pela Embrapa Informação Tecnológica e a Embrapa Clima Temperado e tem participação de outras unidades e instituições parceiras. Pode ser adquirida na livraria da Embrapa, no site <http://livraria.sct.embrapa.br/liv/>.

Um precioso resgate das lendas brasileiras

A Global Editora reeditou *Lendas Brasileiras*, obra de Luís da Câmara Cascudo (historiador, folclorista, antropólogo, advogado e jornalista, nascido no Rio Grande do Norte, em 1898. Câmara Cascudo faleceu em 1986), que reúne lendas contadas pelo povo brasileiro, recolhidas e interpretadas por escritores como Afonso Arinos de Melo Franco, Augusto de Lima Júnior e João Simões Lopes Neto. Outras obras igualmente preciosas foram reeditadas, como a *História da Alimentação no Brasil* e o *Dicionário do Folclore Brasileiro*.




LEI DE CRIMES AMBIENTAIS

Revisões ampliam prazos para cumprimento das regras



Depois de inúmeros debates entre a bancada ruralista do Congresso Nacional, representantes de classe dos produtores, Ibama, ministérios do Meio Ambiente e da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, as alterações no Decreto 6514, de 2008, que regulamenta a Lei de Crimes Ambientais, foram consolidadas em 12 de dezembro de 2008.

Entre as principais revisões está a extensão do prazo para averbar a área da Reserva Legal, RL, na propriedade, postergada de janeiro para dezembro de 2009. Até esta mesma data, estão suspensos os embargos impostos a quem ocupou e desmatou áreas nativas em reservas não-averbadas, mediante protocolo de regularização da RL junto ao órgão ambiental competente, feito pelo proprietário do imóvel.

Foi ainda criada mais uma instância de recurso contra as autuações do Ibama. Segundo a nova redação do decreto, além da defesa apresentada ao superintendente estadual do instituto, poderá ser enviada outra ao presidente do órgão, antes da apelação ao Conselho Nacional do Meio Ambiente, Conama. Inicialmente, os recursos seguiriam da superintendência estadual para o Conama. 

A RESPONSABILIDADE DE CADA UM

A Bunge pratica políticas de sustentabilidade válidas em todos os países nos quais atua, cada vez mais pautados por rígidos códigos ambientais, fundamentais para garantir um futuro sustentável. Propriedades e empresas excluídas da cadeia de suprimentos são citadas em listagens de caráter público, de forma a assegurar a construção de rotas precisas rumo ao desenvolvimento sustentável. No Brasil, a Bunge está presente neste momento de transição,

reservando ao produtor rural mecanismos de apoio capazes de viabilizar e acelerar a adequação às novas rotas. Uma delas é a cartilha *Responsabilidade Ambiental na Produção Agrícola*, editada em parceria com o Ministério do Meio Ambiente. A proposta é auxiliar os produtores no processo de legalização de suas atividades agrícolas e ambientais. A publicação está disponível para download no site: www.bunge.com.br.

BUNGE no campo

Publicação da Bunge para os produtores rurais.
 Av. Maria Coelho Aguiar, 215 – Bl D – 5º andar – São Paulo (SP) – 05804-900
Projeto e coordenação: Diretoria de Comunicação Corporativa Bunge
Supervisão: Roberta Correia
Criação e edição: Luc Comunicação Integrada (11) 5044-6099
 Graziela Silva (Edição), Eduardo Matsuda (Diagramação).
Pré-impressão e Impressão: Editora Gráficos Burti – Certificação Cadeia de Custódia FSC
 Tiragem: 20.300 exemplares.



Fontes Mistas
 Grupo de produto proveniente de florestas bem manejadas e fontes controladas

Cert no. SW-COC-003192
www.fsc.org
 © 1996 Forest Stewardship Council

O selo FSC é a garantia de que a madeira utilizada na fabricação do papel deste jornal provém de florestas bem manejadas e outras fontes controladas.